

INDICIONÁRIO DO CONTEMPORÂNEO

CÂMARA, Mario; KLINGER, Diana; PEDROSA, Celia;
WOLFF, Jorge (org.).

Belo Horizonte: UFMG, 2018.

Aline Rocha
(UFF)

“Este *Indiccionario* supõe, antes de mais nada, insubordinação, insatisfação, inquietação, independência... Mas supõe, sobretudo, um infinito desejo de ler, falar, ver, fazer e viver junto” (p.7). São estas as belas palavras que abrem a apresentação do *Indiccionario do contemporâneo*, organização de Celia Pedrosa, Diana Klinger, Jorge Wolff e Mario Câmara publicada em 2018 pela Editora UFMG. A coletânea reúne seis ensaios, cada um deles dedicado a um conceito que incide “de modo decisivo sobre o pensamento das artes e literaturas atuais, isto é, sobre poesia, política, imagem, espaço, tempo, ou, numa palavra, sobre a imaginação-pública-contemporânea” (p.8). Como consta ainda na apresentação, o livro contou com a participação de um extenso grupo de críticos e pesquisadores latino-americanos: Antonio Andrade, Antonio Carlos Santos, Ariadne Costa, Florencia Garramuño, Luciana di Leone, Paloma Vidal, Rafael Gutiérrez, Reinaldo Marques e Wander de Melo Miranda, além dos já mencionados organizadores, reunidos inicialmente em ocasião de um simpósio acadêmico realizado na Universidad del Valle – na cidade de Cali, localizada no sudoeste colombiano – que se desdobrou em encontros pelo Brasil, nos quais os trabalhos eram progressivamente discutidos pelo grupo.

A escrita aconteceu de forma coletiva e colaborativa, via e-mail, num processo que – de sua idealização à publicação final do livro – se estendeu entre os anos de 2012 a 2018. Os textos dedicados aos verbetes não são assinados individualmente e foram, todos eles, escritos a muitas mãos, o que por si só delineia uma ética comunitária, além de evidenciar uma novidade dentre as publicações dedicadas à teoria e crítica literária

atuais. Esta “antiantologia”, então, parece partir de duas preocupações: a primeira delas diz respeito a pensar o convívio – e, por conseguinte, o afeto e o dissenso – enquanto forma processual de execução da escrita; a segunda, fundamenta-se na interrogação em torno da formulação de conceitos que aparecem com recorrência e destaque nos debates atuais no âmbito dos estudos literários. Os seis verbetes deste *Indiccionário* são: “arquivo”, “comunidade”, “endereço”, “o contemporâneo”, “pós-autonomia” e “práticas inespecíficas”. Mais do que definir os conceitos, pretende-se, por um lado, escrevê-los, e, por outro, mapear como cada verbete foi desenvolvido por diferentes pensadores a partir de uma rica e heterogênea revisão bibliográfica.

No decorrer da leitura, é notável como cada vocábulo ilumina a reflexão acerca dos demais, de modo que a apreciação crítica de cada um não se restringe ao ensaio que lhe corresponde, mas se desenvolve no decorrer de todo o livro. Conforme transitamos por entre as páginas, recolhemos fragmentos e pistas dispostos em um mosaico de referências literárias, críticas e teóricas que se arranjam como constelações, ligando pontos geográficos e diferentes imaginários da América do Sul. “Todo arquivo é uma estrada sendo transitada” (p.23), aparecerá em dado momento do ensaio dedicado ao verbete “arquivo”, ressaltando a importância da vida subjetiva que, em movimento, colabora para sua composição e para o seu desordenamento. Nesta seção, que se inicia com a imagem do colecionador desenvolvida por Walter Benjamin, há uma instigante reflexão que contrapõe a concepção capitalizadora e positivista do “arquivo” na modernidade a redefinições que o encaram em sua “destruição enquanto construção, do monturo das cinzas enquanto criação e crítica” (p.18). Desse modo, a proposta deste ensaio aponta para uma tentativa de leitura que “associe essas perspectivas, em que o modo de operar com os arquivos públicos ilumine a memória pessoal, em que a memória individual ilumine a memória coletiva, em que a arqueologia e a psicanálise conversem, assim como os monumentos com as autobiografias” (p.18).

O segundo verbete trabalhado será “comunidade”, que “durante os últimos anos tem se convertido em um dos termos mais debatidos e polêmicos” (p.56). O texto retoma reflexões de teóricos europeus, como Jean-Luc Nancy e Roberto Esposito, cujas perspectivas almejam pensar sobre determinada “definição contemporânea de comunidade atenta aos problemas causados pelos nacionalismos do século XX” (p.55). Em outras palavras, “a questão que esses pensadores nos apresentam é a de

pensar essa condição de outro modo que não derive unicamente de uma concepção fechada de sujeito, seja individual ou coletivo, isto é, que não se restrinja a nenhum ‘sujeito’, tentando, ao contrário, partir da própria condição de relação e vínculo” (p.61). Ainda neste tópico, conceitos como os de “povo” e “multidão” também são investigados, o que denota o interesse em avaliar os desdobramentos da noção de “comunidade” na teoria literária e na ciência política do último século a partir de outras perspectivas e disciplinas.

O ensaio dedicado ao “endereçoamento” será formulado tendo como pressuposto ético as tensões estabelecidas entre o poema e o leitor, entre a obra e o espectador, e, em última instância, entre a experiência estética e as formas de alteridade. Recorrendo a uma análise de certa “retórica da correspondência e da conversação” (p.98), são retomadas as poéticas de escritores como Ana Cristina Cesar e João Cabral de Melo Neto, além de reflexões teóricas de Nicolas Bourriaud e Jacques Rancière. O verbete, por fim, é identificado como “um conceito estético que ilumina problemáticas atuais em torno da pergunta pela convivência e pela comunidade, pela subjetividade e pela alteridade, que põem em evidência um tipo de laço que questiona as lógicas da copresença e da identidade” (p.121). O vocábulo seguinte, “o contemporâneo”, mobiliza e interroga uma série de outros conceitos em sua formulação, como a noção de “campo expansivo”, de Rosalind Krauss; “perlaboração” da modernidade, de Jean-François Lyotard, além dos problemas relativos à temporalidade na História da Arte introduzidos pela noção de “anacronismo”, oriunda dos estudos de Georges Didi-Huberman, que positiva o anacrônico e reconhece sua potência crítica. Ademais de se pensar num conjunto conceitual que colabora na construção do que seria o “contemporâneo”, este ensaio se detém ainda sobre práticas literárias e experimentais comuns à contemporaneidade, a exemplo das elaboradas por Bernardo de Carvalho e Nuno Ramos.

Recuperando o conceito célebre de Josefina Ludmer, o ensaio seguinte é dedicado a tratar sobre a “pós-autonomia”, que representa “um dos muitos esforços da crítica atual para entender o que acontece com a literatura na contemporaneidade” (p.196) diante da “dissolução de fronteiras entre gêneros literários, entre realidade e ficção, entre dentro e fora do texto, entre literatura e outras formas de expressão” (p.168). Nesse mesmo texto, são discutidas noções pertinentes a tais questões, como a de “campo literário”, de Pierre Bourdieu, além das concepções de modernidade de Bruno Latour, Jacques Rancière e Jean-François Lyotard. O últi-

mo verbete do livro, “práticas inespecíficas”, que de várias maneiras dá continuidade ao debate sobre o pós-autônomo, dedica-se a pensar sobre as diferentes práticas estéticas da contemporaneidade, elaboradas a partir de instáveis movimentos que justapõem diversos tipos de linguagens, suportes e disciplinas. Trazendo à luz a obra de artistas como Tamara Kamenszain e Rosangela Rennó, que recorrem a “práticas do não pertencimento” em suas composições, o ensaio reflete sobre o poder crítico e sobre as tensões políticas e estéticas decorrentes da inespecificidade literária e artística.

A coletânea conta ainda com posfácio de Raúl Antelo, uma densa reflexão teórica intitulada “Espaçotempo”, em que o ensaísta relaciona uma série de considerações estéticas de diferentes autores que se debruçaram sobre a noção de “autonomia” e retoma as ponderações de Ludmer para, enfim, realizar uma leitura das experiências artísticas e filosóficas contemporâneas a partir do conceito “espaçotempo”. Interessante notar como o *Indicionário do contemporâneo* é, enquanto livro, uma manifestação empírica dos conceitos que apresenta, pois tensiona cada um dos verbetes a partir de sua materialidade e do seu processo de produção. A urgência do gesto crítico e do impulso ético deste *Indicionário* ilumina as leituras sobre a literatura e a arte da atualidade, manejando ao mesmo tempo as questões culturais e políticas particulares ao nosso presente.

Recebido em: 31/08/2018

Aceito em: 21/01/2019